

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO NOS (DES)ENCONTROS DOCENTES: ESTRANHAMENTOS PEDAGÓGICOS E INCONSCIENTES FALAS DESNUDADAS

Jairo Carioca de Oliveira¹

Resumo: Esse artigo versou sobre análises de estudos de caso em relatos baseados em escrituras, trago o autorretrato de minha filha após um bullying escolar e como a professora não conseguiu construir uma identidade com ela. Ainda nesse mesmo tópico demonstrei como o processo transferencial permitiu construção identitária. Essa análise partiu de dois desenhos da minha filha realizados à época. Dentro do campo escolar existem muitos atravessamentos racistas que impedem a identificação do/a educador/a com o aluno/a e vice-versa. Muitas das vezes, a criança precisa matar a escola dentro de si para continuar o processo educacional.

Palavras Chave: Racismo, Educação Infantil, Pedagogia, Feminino, Psicanálise.

Poder-se-ia dizer, então, que na escola, tal qual em outras esferas sociais, o saber sobre as verdadeiras marcas de outro grupo rompe com a alienação, ao mesmo tempo em que propicia aos sujeitos desconstruírem os estereótipos produzidos para representar dada categoria discriminada, ou melhor, aproxima o sujeito do Real, ao colaborar para o cerceamento do imaginário e seus consequentes frutos, no caso, a exteriorização do preconceito².

A expressão "escrivência", criada por Conceição Evaristo, é muito mais do que a simples junção das palavras "escrever" e "vivência". Sua força reside na

¹ Doutorando e Mestre em Educação Contemporânea e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ). Dr.h. c. em Psicologia pelo Logos University International (Flórida-EUA), Teólogo (FAECAD/RJ) Graduando em Pedagogia (Unifacvest). Atua como Psicanalista desenvolvendo pesquisa na interface entre Psicanálise, Racismo, Feminismos Plurais e Estudos de Gênero no Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades da UFRRJ; no GPEA Audre Lorde da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e no Diversitas - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Universidade de São Paulo (USP). É Coordenador do Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura e Integrante do Coletivo Psicanalistas Unidos pela Democracia - PUD. Poeta e Bolsista CAPES.

² SILVA JUNIOR, Jonas Alves da. Rompendo a mordaza: representações sociais de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade 2010. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, USP, São Paulo.

origem da ideia, em como e onde ela surge e nas experiências étnicas e de gênero com as quais está intimamente ligada, como explicado pela própria escritora e educadora³.

Ao unir a escrita com a vivência, Conceição Evaristo reconhece a importância de contar suas próprias histórias, de reafirmar sua identidade e de reivindicar seu espaço no mundo. Ela busca romper com as estruturas opressoras que historicamente tentaram negar a existência e a voz das pessoas negras.

A ideia de "escrevivência" também está enraizada na ancestralidade africana, na oralidade e na tradição de contar e compartilhar histórias como forma de resistência e preservação da cultura. É uma maneira de honrar e perpetuar a memória de seus antepassados, de recontar a história sob uma perspectiva negra e de construir uma nova narrativa que celebra a diversidade e a pluralidade. Assim, usarei a "escrevivência" para relatar minhas experiências a seguir, reconhecendo o valor de minha própria voz e compartilhamento de experiências ao me colocar como sujeito ativo na construção de uma sociedade.

Aos nove anos de idade, minha filha Karen foi vítima de bullying na escola. Foi uma experiência dolorosa para ela e para nossa família. O bullying é uma forma de violência que infelizmente acontece em diversos contextos, mas é na escola que esse comportamento prevalece e causa um impacto significativo. Eu pude perceber que o bullying está relacionado a fatores sociológicos e psicológicos que são intrínsecos a esse ambiente escolar.

Na escola, os reflexos da sociedade, em geral, se manifestam de forma intensa, criando um microcosmo social que reproduz os comportamentos agressivos e excludentes presentes em nossa sociedade. É triste constatar que esses comportamentos são perpetuados entre os estudantes, muitas vezes sem que os responsáveis ou a própria escola tomem medidas efetivas para combatê-los.

Como pai, senti uma mistura de impotência e indignação ao ver minha filha sofrendo com o bullying. É difícil compreender por que algumas pessoas escolhem machucar e excluir os outros, especialmente crianças que estão em uma fase de

³ EVARISTO, Conceição. *Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020*

descobertas e construção de sua identidade. No entanto, é essencial que enfrentemos essa questão.

Minhas frustrações de infância e adolescência no ambiente escolar me fizeram pensar melhor na educação dos meus filhos, “eu tive que matar essa escola, matar esse menino massacrado”⁴ para poder me tornar um educador. Karen é uma menina preta, com cabelos cheios de cachos rebeldes, criada dentro de um ambiente familiar que sempre valorizou a liberdade da opinião pessoal e que cedo descobriu o poder das palavras. No entanto, dentro do contexto escolar, os padrões cruéis de beleza e comportamento estabelecidos pela sociedade se tornam normas a serem seguidas, reafirmadas no cotidiano pelo pacto narcísico da branquitude que impõe esses padrões, estabelecendo uma “normalidade” que exclui aqueles que não se encaixam nesses critérios⁵.

Um dia, Karen chegou em casa com parte do cabelo cortado e com expressão de medo em seu rosto. Sua mãe tentou dialogar com ela, mas estava emudecida. Quando cheguei do trabalho, não sou recebido como habitual por ela, que sempre vinha correndo me contar as novidades da escola. Vale aqui citar que Karen sempre estudou em escola pública, pois acredito na força das identificações e das contradições para o fortalecimento das subjetividades, sendo esse, a meu ver, um dos pontos fortes de uma escola pública – a diversidade presente na escola. Minha esposa relatou que o cabelo de Karen estava cortado e que aconteceu alguma coisa na escola. Sentei-me com minha filha, e chorando, ela me contou o que ocorreu.

A professora reclamou do cabelo dela quando foi corrigir seu caderno escolar em sua carteira. Com a intenção de pegar alguma coisa que amarrasse o cabelo de minha filha, a professora se ausenta da sala de aula, o suficiente para que outras colegas impusessem sua posição de superioridade, frente à reclamação da coordenação escolar e da professora, as alunas se sentiram autorizadas a cortarem o cabelo de minha filha e para abaixar o cabelo dela, colocaram cola. Ao retornar para a sala de aula, a professora “deu um jeito” e pediu que Karen não nos contasse nada, porque isso iria causar problemas para ela e a turma perderia a

⁴ DIMENSTEIN, Gilberto. Alves, Rubem. Fomos Maus Alunos. Campinas - SP. Papyrus. 2003.

⁵ BENTO, Maria Aparecida da Silva. Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo.

professora. Dando continuidade ao bullying sofrido pelas amigas, a professora finaliza com a intimidação.

Karen sempre foi muito vaidosa com seus cabelos, imaginava os mesmos sempre além do que realmente eram em seus desenhos de autorretrato, um destes desenhos exponho abaixo:

Figura 1: Desenho da Karen e seus Cabelos



FONTE: Desenhado por Karen aos 09 anos de idade - 2010

Analisando a figura acima mobilizei o capítulo XXXIII do livro Dom Casmurro, quando o personagem Bentinho descreveu minuciosamente o cabelo da Capitu, onde, pentear os seus cabelos antes mesmo de beijar-lhe os lábios, era um ato de amor⁶.

Modificar o cabelo também é um rito de passagem na dimensão do sagrado. O primeiro corte de cabelo separa a criança de sua mãe, é a primeira manifestação de maturidade da menina, quando, ao passar mais tempo no espelho, descobre o poder da atração, se descobre diferente. É com os cabelos que Maria Madalena

⁶ ASSIS, Machado. DOM CASMURRO. Editora Martim Claret, São Paulo, 2004

enxuga os pés de Jesus⁷, deixando no imaginário o contraste entre a pecadora e Deus, pois há uma sensualidade presente nos cabelos que o relaciona à própria feminilidade e ao prazer. Não à toa é que Iemanjá adora pentear e perfumar seus cabelos pretos⁸, ligado ao culto da fertilidade, a mãe de todos os orixás é um arquétipo da sensualidade feminina, muito diferente de outro arquétipo - Nossa Senhora - que por ser santa e recatada, tem um véu cobrindo os cabelos, como também o fazem as viúvas, num sinal claro de abstinência sexual⁹.

O cabelo na mulher desempenha um papel tão importante que também se torna parte integrante da identidade social, mas é nesse ponto que os preconceitos entram em cena. A moda estabelece uma ditadura que impõe um comportamento de afirmação das identidades sociais, e não se encaixar nesse padrão significa não ter uma identidade valorizada. Os cabelos que não se adequam à ditadura do liso são colocados nessa situação.

No livro "A identidade cultural na pós-modernidade", Stuart Hall apresenta o conceito de sujeito pós-moderno, que surge a partir da fragmentação do sujeito em múltiplas identidades. Nessa perspectiva, a identidade deixa de ser vista como algo unificado e coerente, dando espaço para uma realidade em que as pessoas experimentam e transitam por diferentes identidades que podem não se conectar ou dialogar entre si. Essa fragmentação é resultado de uma sociedade caracterizada pela diversidade cultural, pelas transformações tecnológicas e pela globalização.

Dessa forma, o sujeito pós-moderno é confrontado com a necessidade de negociar e conciliar essas múltiplas identidades, o que pode gerar tensões e conflitos internos. A identidade é compreendida como um processo contínuo de formação e transformação, em constante relação com as representações e interpelações culturais presentes nos sistemas sociais e culturais que nos cercam¹⁰.

Falar sobre pós-modernidade é indispensável quando se fala de educação. Ao compreender as mudanças nos paradigmas de sujeito e identidade, somos

⁷ Ver disponível em: <https://www.biblionline.com.br/nvi/lc/7/36-50> Acessado em 25/05/2023.

⁸ Ver disponível em: <https://www.geledes.org.br/iemanja-lenda-mito-e-sincretismo-religioso/> Acessado em 25/05/2023.

⁹ Ver disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-nossa-senhora-das-gracas/283/103#:~:text=A%20t%C3%BAnica%20e%20o%20v%C3%A9u%20na%20cor%20branca,mulheres%20judias%20como%20sinal%20de%20pureza%20e%20recato.> Acessado em 25/05/2023.

¹⁰ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

interpelados para refletir sobre as complexidades e os desafios enfrentados pelos indivíduos na construção de suas identidades em uma sociedade cada vez mais diversa e em constante transformação. Neste espaço de construção subjetiva, as identidades sexuais estão passando por uma crise¹¹, resultando em mudanças e questionamentos. A narrativa da auto-identidade se fragiliza diante das transformações intensas, ao mesmo tempo em que surgem oportunidades para revisar padrões tradicionais, permitindo a exploração de novas possibilidades de identidade. Em resumo, a modernidade desafia e transforma as identidades, possibilitando a expressão de identidades mais diversificadas e autênticas¹².

Na relação dual entre professores/ras e alunos/nas, há no/na professor/ra uma possibilidade de interpelação ou de representação capaz de gerar no/na aluno/na a construção de uma identidade, que nunca se dá de forma automática, mas de maneira reflexiva, mediada pela própria experiência de mundo do professor transmitidas na sua maneira de lecionar, sendo esta construção um processo inconsciente e contínuo. No entanto,

as professoras estão preparadas para educar a infância inventada no século XIX – ingênua, dependente dos adultos, imatura e necessitada de proteção - enquanto suas salas de aula estão repletas de crianças do século XXI – cada vez mais independentes, desconcertantes, erotizadas, acostumadas com a instabilidade, a incerteza e a insegurança¹³.

Quando Karen faz o seu desenho (**Figura 1**), ela retrata algo de seu desejo. Ela traz à superfície discursiva um efeito significativo, ou seja, faz ato inconsciente que a re-situa enquanto sujeito enunciante de sua própria identidade. A concepção psicanalítica do inconsciente está ligada à singularidade do sujeito e à exploração do seu desejo, tanto na formação do inconsciente como no processo de aprendizagem.

¹¹ WOODWARD, Kathryn. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

¹² GONÇALVES, Elaine Barbosa Caldeira. A constituição discursiva de identidades xerentes no espaço escolar multicultural. 2011. 259 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2011.

¹³ COSTA; Marisa Vorraber. Quem são? O que querem? Que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa et al. Currículo cotidiano e tecnologias. Araraquara: Junqueira & Martins, 2006, p.93-110.

“Não existe objeto a não ser metonímico, sendo o objeto do desejo o objeto do desejo do Outro, e sendo o desejo sempre um desejo de Outra coisa — muito precisamente, daquilo que falta, ao objeto perdido primordialmente, na medida em que Freud mostra-o sempre por ser reencontrado¹⁴”.

Karen passa por uma cirurgia quando tinha um ano de idade, nesta cirurgia precisa raspar toda a sua cabeça, fato este que ficou registrado enquanto traços de lembranças inconscientes, retomados e reelaborados em seus desenhos autobiográficos com seus cabelos sempre desenhados de forma abundante. Ora, aqui não se trata mais do cabelo em si, mas do significante, onde o desejo é sempre o desejo de Outra coisa, chamado por Lacan de “Objeto a”, objeto originário do desejo, que no caso em questão, era o próprio desejo de sair daquela cena cirúrgica – ter cabelos é estar viva.

Quando a professora e a escola se incomodaram com seus cabelos, para Karen, esses lugares se tornaram desamores. Como eu sei disso? Ela não chega mais em casa com o brilho nos olhos indicativo de paixão pela escola: “Mamãe, papai, olha o que eu aprendi hoje”¹⁵. Ora, Lacan irá afirmar que o saber é naturalmente investido do ponto de vista do afeto¹⁶, o que significa dizer que só pode haver afeto onde há investimento. Ao fazer o desenho, Karen inconscientemente propõe novas significações ao momento em que o desejo entrou em cena, afinal o que se repetiu não é, necessariamente, uma situação vivida antes, mas sim o retorno a uma cena imaginária de desejo. Essa cena pode ser repetida de maneiras diferentes, pois novas formas de repetição surgem na sucessão de significantes, reconfigurando o objeto de desejo para o sujeito a cada encontro.

A psicóloga Bluma Zeigarnik realizou em 1927 uma pesquisa ao notar que os garçons lembravam melhor dos pedidos em andamento do que dos pedidos finalizados. Isso indica que a mente humana tem mais facilidade em dar continuidade a uma ação já iniciada e concluí-la, do que começar algo do zero. Quando iniciamos uma tarefa, nossa motivação para terminá-la é criada e interrompê-la deixa essa motivação insatisfeita, resultando em uma melhor retenção

¹⁴ LACAN, Jacques. (1999) O Seminário, livro 5, As formações do inconsciente, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

¹⁵ DIMENSTEIN, Gilberto. Alves, Rubem. Fomos Maus Alunos. Campinas - SP. Papirus. 2003.

¹⁶ LACAN, J. A Coisa Freudiana ou Sentido do retorno a Freud em Psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

na memória¹⁷. Uma tarefa não acabada deixa um estado de tensão, o que levou Lacan a formular que “no homem, é a má forma que é prevalente. É na medida em que uma tarefa está inacabada que o sujeito volta a ela. É na medida em que um fracasso foi acerbo que o sujeito se lembra melhor dele”¹⁸. A aprendizagem humana envolve reconstruir experiências passadas através de fatores psíquicos. Os restos da sexualidade da infância são considerados inscrições psíquicas, não são biológicas.

Karen vai buscar em seus irmãos o desejo de retornar à escola, num posicionamento frente ao Outro como possível caminho de sublimação aos condicionamentos efetuados pelo processo educativo. Para Lacan¹⁹, na estrutura discursiva, existe algo que se origina do Real, o que significa que uma parte do discurso precede a palavra e não requer palavras para existir. Isso ressalta a importância do lugar, revelando a posição do sujeito em relação ao Outro. A Psicanálise desempenha o papel de localizar esse posicionamento não verbal permitindo diferentes abordagens na construção de espaços psíquicos discursivos. Se a escola não se tornar um lugar de amarrações para o aluno, a subjetividade dele irá resistir²⁰. Essa forma de resistência se manifesta na falta de estabelecimento de vínculos, pois as perspectivas entre a instituição - o espaço escolar - e o aluno, como representante da sociedade, não se alinham.

A inteligência organiza o mundo organizando-se a si mesma²¹. Nessa necessidade de organizar-se, a Karen elabora o segundo desenho, que exponho abaixo:

Figura 2: Desenho da Karen retornando a Escola

¹⁷ MASCI, S. (2007). Il conflitto in azienda. Analisi e gestione delle relazioni nei gruppi di lavoro. Roma: L’Airone Editrice.

¹⁸ LACAN, Jacques. (1978/1985) O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar

¹⁹ LACAN, J. A Coisa Freudiana ou Sentido do retorno a Freud em Psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

²⁰ DIMENSTEIN, Gilberto. Alves, Rubem. Fomos Maus Alunos. Campinas - SP. Papyrus. 2003.

²¹ PIAGET, J. (1937/1970) La construcción de lo real en el niño, 3. ed., Buenos Aires, Editorial Proteo.



FONTE: Desenhado por Karen aos 09 anos de idade - 2010

O desenho revela uma atividade inconsciente profunda, representando a procriação no inconsciente do objeto representado. Essa expressão é interdita pelas estruturas simbólicas, como o ambiente escolar e o próprio aluno. Através do desenho, aspectos imaginativos, afetivos e simbólicos do sujeito podem ser manifestados²².

O professor estabelece expectativas em relação ao aluno, porém, este se defende com receio de enfrentar frustrações decorrentes do resultado de seu trabalho. Nessa dinâmica, o aluno se encontra em uma posição de submissão ao desejo inconsciente do professor, o qual pode se tornar um obstáculo para seu desenvolvimento. A atuação do educador transcendeu o âmbito consciente, influenciando não apenas por meio das palavras e ações, mas também pela sua própria existência²³. As relações afetivas entre educador e aluno assumem diferentes formas, sendo que cada indivíduo busca satisfazer seus desejos inconscientes. No entanto, é a criança quem mais sofre as consequências desses desejos, pois, sendo psicologicamente mais vulnerável e em processo de

²² MÉREDIEU, Florence de. O desenho Infantil. Tradução de Álvaro Lorencini, Sandra M. Nitrini. 11 ed. – São Paulo – Cultrix. 2006.

²³ MAUCO, G. (1979). *Psychanalyse et éducation*. Paris, Aubier-Montaigne.

construção de sua identidade, está particularmente suscetível às influências inconscientes provenientes dos educadores.

Em seu desenho demonstrado na **FIGURA 2**, Karen colocou as nuvens felizes, porém teve uma nuvem que chorou por sobre a escola, o que traz à cena a fala freudiana de que não há relacionamento humano sem conflitos, um sujeito em eterno conflito consigo mesmo e com o outro – uma manifestação da ambivalência.

A ambivalência é um fenômeno singular da vida psicoemocional, envolvendo um sujeito em constante conflito consigo mesmo e com os outros. De origem desconhecida, mas considerada um aspecto fundamental em nossa vida emocional²⁴. Essa ambivalência se manifesta através da complexidade de sentimentos e flutuações de atitudes em relação ao mesmo objeto. O ódio e o amor, embora antagônicos, desempenham papéis essenciais na autoconservação e nas pulsões sexuais²⁵.

Karen tem uma irmã mais velha que a fascina e um irmão mais novo, presentes em seu desenho. Sua irmã mais velha é quem os leva para a escola todas as manhãs. No desenho, há elementos que representam a escola, ao lado da qual está retratada a figura da professora. A professora é uma mulher branca de cabelos alisados e comportados, o que não gera identificação em Karen, uma menina preta com cabelos que não seguem as normas impostas pela escola. Essa falta de identificação é simbolizada pela posição de Karen no desenho, colocando-se entre a professora e seus dois irmãos, como se houvesse um distanciamento. O convite para ir à escola parte de sua irmã e é correspondido pelo irmão mais novo, que concorda em ir.

Reconhecer a importância de desenvolver nos alunos/as uma compreensão profunda dos processos históricos que influenciam a construção de sua identidade é o desafio de cada professor/a. É preciso não perder de vista a relevância desses processos ao moldar as práticas educacionais, permitindo serem profissionais conscientes e comprometidos com a valorização da história e da cultura na educação das crianças, afinal,

²⁴ FREUD, Sigmund. Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O Caso Schreber) Artigos sobre Técnica e outros textos. Obras Completas volume 10. Tradução Paulo César de Souza. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

²⁵ LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

A identidade não é somente constructo de origem idiossincrática, mas fruto das interações sociais complexas nas sociedades contemporâneas e expressão sociopsicológica que interage nas aprendizagens nas formas cognitivas, nas ações dos seres humanos. Ela define um modo de ser no mundo, num dado momento, numa dada cultura numa história²⁶.

É importante ressaltar que o retorno de Karen à escola não ocorreu sem problemas. Assim que fiquei sabendo do ocorrido, entrei em contato com a coordenação pedagógica da escola e relatei o incidente para a professora, diretora e coordenadora pedagógica. Fiquei perplexo ao ouvir que todas elas já sabiam do incidente, mas em nenhum momento consideraram a ideia de informar aos pais da aluna. Ao questionar esse ponto, me disseram que a escola já havia resolvido internamente a situação, decidindo colocar minha filha em uma turma com alunos mais velhos. Questionei a decisão tomada, então a escola descreveu minha filha como uma aluna brilhante, mas questionadora, que apresentava desafios ao manejo educacional. Aquele foi o último ano de Karen naquela escola, encerrando sua experiência no Ensino Fundamental anos iniciais.

A contribuição da Psicanálise no contexto educacional vai além de uma aplicabilidade direta às situações educativas, uma vez que sua origem está na prática clínica. No entanto, seu valor reside na capacidade de trazer à luz do consciente, por meio da análise das práticas educativas, conteúdos inconscientes presentes nos professores, de forma a elucidar as razões por trás de certas ações ocorridas em sala de aula.

Ao utilizar a Psicanálise como uma ferramenta de reflexão, é possível investigar os processos psíquicos subjacentes que influenciam o comportamento do professor. Questões como crenças, desejos inconscientes, traumas passados e dinâmicas pessoais podem ser exploradas, permitindo uma compreensão mais profunda das motivações e dos padrões de interação do professor em seu ambiente de trabalho.

Essa exploração dos conteúdos inconscientes do professor traz uma dimensão mais abrangente e esclarecedora para a análise das práticas educativas.

²⁶ GATTI, B. A. Os professores e suas Identidades: o desvelamento da heterogeneidade. Caderno de Pesquisa, n. 98, p. 85-90, ago.1996.

Ao compreender as raízes psicológicas e emocionais que impulsionam suas ações, o professor pode adquirir um maior autoconhecimento e desenvolver estratégias mais conscientes e efetivas de ensino.

Dessa forma, a Psicanálise proporciona uma oportunidade de ampliar a compreensão do processo educativo, ao revelar as camadas mais profundas do psiquismo do professor. Essa reflexão pode levar a transformações significativas na abordagem pedagógica, promovendo uma maior consciência e autenticidade na prática docente.

A Psicanálise emerge como um conhecimento revolucionário, desafiando os padrões das ciências experimentais, especialmente por meio de seu conceito fundamental do inconsciente. Ao adotar uma perspectiva psicanalítica, o educador é instigado a abandonar abordagens excessivamente programadas e controladoras, abrindo espaço para uma prática educativa mais ética e perspicaz.

Através da lente psicanalítica, o educador passa a enxergar sua função de maneira mais profunda e abrangente. O que é ensinado em sala de aula é confrontado com a subjetividade única de cada aluno, estimulando um pensamento renovador e a geração de novos conhecimentos. A ênfase é colocada na importância de uma formação que valorize a própria experiência pedagógica, possibilitando uma análise criteriosa dos conflitos que surgem no ambiente escolar.

Ao reconhecer que as relações entre professor e alunos são permeadas por elementos inconscientes, o educador adquire um poderoso instrumento para transformar o processo de ensino-aprendizagem. Essa compreensão profunda dos aspectos inconscientes possibilita uma abordagem mais brilhante e coerente, proporcionando uma experiência educativa enriquecedora para todos os envolvidos.

Dessa forma, a Psicanálise se revela como uma fonte de brilhantismo e coerência no campo educacional, iluminando os caminhos para uma prática pedagógica mais profunda e impactante e que permita ao professor/a um constante questionamento sobre sua prática pedagógica e sua relação com o/a aluno/a. Afinal, a pedagogia das relações na Educação Infantil coloca as relações humanas como o cerne do processo educativo, reconhecendo que o desenvolvimento e a

aprendizagem das crianças são potencializados por meio de interações afetivas, respeitadas e significativas²⁷.

Karen em seus desenhos, ao apagar o sintoma elabora uma verdade poética²⁸, uma forma de escrita além da estrutura fálica. Lacan, ao descrever o campo do gozo como uma escolha forçada, aponta para a poesia como um meio de elevar o gozo a uma dimensão em que se torna um discurso ressoante, uma forma de transmissão que ultrapassa os limites do domínio fálico. Nesse sentido, a poesia oferece uma abordagem única para expressar e compartilhar o gozo, permitindo uma conexão mais profunda e além das restrições simbólicas. Ao acolher o que resta, a escola permite que a subjetividade se manifeste em sua complexidade e singularidade.

Liberado das fixações e do sofrimento neurótico, descobrimos que o inconsciente pode ser estruturado como poesia e esta, por estar difusa no mundo, é possível ser extraída do chão do cotidiano, afinal, escreveu o poeta – “No osso da fala dos loucos há lírios”²⁹.

REFERÊNCIA

ASSIS, Machado. **DOM CASMURRO**. Editora Martim Claret, São Paulo, 2004

BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo.

COSTA; Marisa Vorraber. **Quem são? O que querem? Que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI**. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa et al. Currículo cotidiano e tecnologias. Araraquara: Junqueira & Martins, 2006, p.93-110.

DIMENSTEIN, Gilberto. Alves, Rubem. **Fomos Maus Alunos**. Campinas - SP. Papyrus. 2003.

²⁷ RINALDI, C. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar, aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

²⁸ VEGH, I. As intervenções do analista. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

²⁹ BARROS, Manoel de. Gramática expositiva do chão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência : a escrita de nós** : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020

FREUD, Sigmund. **Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O Caso Schreber) Artigos sobre Técnica e outros textos**. Obras Completas volume 10. Tradução Paulo César de Souza. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

GATTI, B. A. **Os professores e suas Identidades: o desvelamento da heterogeneidade**. Caderno de Pesquisa, n. 98, p. 85-90, ago.1996.

GONÇALVES, Elaine Barbosa Caldeira. **A constituição discursiva de identidades xerentes no espaço escolar multicultural**. 2011. 259 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LACAN, J. **A Coisa Freudiana ou Sentido do retorno a Freud em Psicanálise**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. (1978/1985) **O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar

LACAN, Jacques. (1999) **O Seminário, livro 5, As formações do inconsciente**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MASCI, S. (2007). **Il conflitto in azienda. Analisi e gestione delle relazioni nei gruppi di lavoro**. Roma: L'Airone Editrice.

MAUCO, G. (1979). **Psychanalyse et éducation**. Paris, Aubier-Montaigne.

MÉREDIEU, Florence de. **O desenho Infantil**. Tradução de Álvaro Lorencini, Sandra M. Nitri. 11 ed. – São Paulo – Cultrix. 2006.

PIAGET, J. (1937/1970) **La construcción de lo real en el niño**, 3. ed., Buenos Aires, Editorial Proteo.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar, aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves da. **Rompendo a mordaza: representações sociais de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade** 2010. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, USP, São Paulo.

VEGH, I. **As intervenções do analista**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

WOODWARD, Kathryn. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.